

# **CASAIS FELIZES E RELAÇÕES DURADOURAS: A REPRESENTAÇÃO DA EXISTÊNCIA LÉSBICA NA OBRA AMORA, DE NATALIA POLESSO**

*Happy couples and lasting relationships: the representation of the lesbian existence in the work Amora, by Natalia Polesso*

**Vanessa Ferreira Vieira**

 <https://orcid.org/0000-0003-2483-570X>

Universidade Federal Fluminense, Programa de Pós-Graduação em Estudos de Literatura, Niterói, RJ, Brasil. 24210-201 – [secretaria.literatura@gmail.com](mailto:secretaria.literatura@gmail.com)

**Eurídice Figueiredo**

 <http://orcid.org/0000-0002-8265-3034>

Universidade Federal Fluminense, Instituto de Letras, Niterói, RJ, Brasil. 24210-201 – [secretarialetras.egl@id.uff.br](mailto:secretarialetras.egl@id.uff.br)

**Resumo:** Este artigo tem a proposta de refletir de que maneira a representação de casais lésbicos na literatura contemporânea pode contribuir para desestabilizar o pensamento heterossexual que se sobressai em nossa sociedade. Serão analisados os contos “Vó, a senhora é lésbica”, “Marília acorda” e “As tias”, da obra *Amora*, de Natalia Polesso (2015). As três narrativas têm como personagens principais casais formados por duas mulheres, as quais vivem juntas há muitos anos e, por isso, podem ser analisadas como exemplo de relacionamento fora do padrão heteronormativo. Servirão de embasamento teórico ao estudo os textos de Monique Wittig (2017), sobre o pensamento *straight*, de Adrienne Rich (2010), a respeito da existência lésbica, e de Judith Butler (2016), no que tange à questão do feminismo na contemporaneidade. Embora as autoras não concordem em alguns aspectos dessa temática, todas apontam a necessidade de se discutir e se destacar o papel das mulheres lésbicas não apenas no campo literário, mas no mundo acadêmico e social.

**Palavras-chave:** Existência lésbica. Feminismo. Heteronormatividade.

**Abstract:** This article aims to reflect on how the representation of lesbian couples in contemporary literature can contribute to destabilize the heterosexual thinking that stands out in our society. It will be analyzed the tales “Vó, a senhora é lésbica?”, “Marília acorda” and “As tias”, of de book *Amora*, by Natalia Polesso (2015). The three narratives have as main characters couples formed by two women, who have lived together for many years and, therefore, can be analyzed as an example of non-heteronormative relationship. The theoretical basis for the study will be the writings of Monique Wittig (2017), about straight thinking, Adrienne Rich (2010), about lesbian existence, and Judith Butler (2016), regarding the issue of



Esta obra está licenciada sob uma [Creative Commons - Atribuição 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/)

feminism in contemporary times. Although the authors do not agree on some aspects of this theme, they all point to the need to discuss and highlight the role of lesbian women not only in the literary field, but in the academic and social world.

**Keywords:** Feminism. Lesbian existence. Heteronormativity.

## **Introdução**

Neste artigo, pretende-se analisar – sob a perspectiva do feminismo e da “existência lésbica” – os contos *Vó, a senhora é lésbica*, *Marília acorda* e *As tias*, presentes na obra *Amora*, da escritora e tradutora brasileira Natalia Polessa (2015). O livro reúne trinta e três histórias com protagonistas femininas, todas com temática homoafetiva. Os contos escolhidos apresentam casais lésbicos com relacionamento de longa data, formado por mulheres que fogem do destino esperado pelo pensamento heteronormativo.

Para o estudo, servirão como base os textos *O pensamento straight*, publicado originalmente em 1978, de Monique Wittig (2017), e *Heterossexualidade compulsória e existência lésbica*, cuja primeira publicação data de 1980, de Adrienne Rich (2010), as quais contribuíram com a crítica contra a heterossexualidade e a invisibilidade lésbica, embora tenham chegado a conclusões distintas. As proposições apresentadas neste artigo também farão referência a alguns postulados de Judith Butler (2016), em *Problemas de Gênero: feminismo e subversão da identidade*, publicado em 1990, os quais contribuem com a reflexão sobre o modo como o sujeito feminino vem ganhando cada vez mais espaço e voz no campo literário.

Observando a cronologia das teorias, percebemos que todas deram suas contribuições em momentos diferentes. Mas, ainda que diverjam em alguns pontos, todas acrescentam, e nos permitem pensar sob diferentes perspectivas sobre a existência lésbica no mundo atual. Embora o movimento lésbico tenha ganhado força a partir de 1960, durante a segunda onda feminista, no campo literário as obras com essa temática ainda são escassas. Diante desse cenário, o intento deste artigo é refletir sobre a importância do processo de criação literária enquanto escrita artística socialmente engajada, representando e dando visibilidade ao sujeito lésbico.

### ***Vó, a senhora é lésbica?***

O conto *Vó, a senhora é lésbica?* Inicia-se com essa pergunta feita pelo neto de Clarissa durante a refeição. Não apenas a avó se assusta, mas Joana também fica emudecida diante do questionamento do primo Joaquim. Clarissa foi professora de História e tinha uma ótima relação com a neta, uma jovem universitária que havia descoberto recentemente uma paixão por Taís, colega da faculdade, mas mantinha segredo sobre o relacionamento. Naquele momento, na mesa da cozinha, Joana fecha os olhos e sente vergonha pela possibilidade de sua relação homoafetiva ser revelada. No pensamento da moça, o primo sabia que era lésbica e a pergunta fora feita para lhe provocar.

No entanto, a indagação de Joaquim ativa a sua memória e a faz revisitar algumas cenas do passado. Lembra-se, então, da proximidade entre a avó e a amiga, tia Carolina, cuja presença era frequente na casa de Clarissa. Pensa em quando a moça sumiu por uns tempos e a avó se

entristeceu, ficando feliz e bem vestida quando a amiga retornou. Joana começa, então, a relacionar os fatos e a desconfiar que sua avó também era lésbica. A resposta positiva de Clarissa a Joaquim deixa Joana ainda mais constrangida. Enquanto a avó conta toda a história, fica pensando em Taís:

Pensei na naturalidade com que Taís e eu levávamos a nossa história. Pensei na minha insegurança de contar isso à minha família, pensei em todos os colegas e professores que já sabiam, fechei os olhos e vi a boca da minha vó e a boca da tia Carolina se tocando, apesar de todos os impedimentos. Eu quis saber mais, eu quis saber tudo, mas não consegui perguntar. (POLESSO, 2015, p. 41).

A figura masculina de Joaquim é quem toma a palavra e questiona a sexualidade da avó. O menino começa a rir quando Clarissa responde “sim”, seguido da outra neta Beatriz, que, embora muito pequena, também passa a relacionar o termo “lésbica” com algo cômico. Por ser criança, Joaquim ainda não compreende o impacto de sua pergunta, mas nota-se que ele reflete um pensamento já formado sobre a homossexualidade feminina, pois a trata como algo pejorativo, risível. Quando a avó lhe pergunta onde ele ouviu isso sobre ela ser lésbica, o garoto responde que ouviu dos pais (POLESSO, 2015, p. 39). Nesse ponto, podemos perceber a transmissão de um pensamento heterossexual visto como normal. Essa mentalidade é profundamente criticada pelas teóricas feministas.

O texto *O pensamento straight*, de Monique Wittig (2017), coloca em questão a noção de heterossexualidade enquanto norma. Em 1978, o ensaio foi apresentado pela escritora francesa em um congresso em Nova Iorque e dedicado às lésbicas norte-americanas. Ao usar o termo *straight*, a autora refere-se, então, à mentalidade heterossexual, presente nos discursos e teorias totalizantes, com conceitos universais tomados como verdadeiros e constituindo-se como instrumento político de dominação. Segundo a teórica, o pensamento *straight* impõe a diferença entre os sexos como “ordem simbólica” indiscutível. Estando no nível do inconsciente, esses processos envolvem tudo o que aprendemos, estão nos discursos dos especialistas de forma naturalizada. Nesse contexto:

[...] o lesbianismo, a homossexualidade e as sociedades que formamos não podem ser pensadas ou faladas, mesmo que sempre tenham existido. Sendo assim, o pensamento *straight* continua a afirmar que o incesto, e não a homossexualidade, representa sua maior interdição. Sendo assim, quando pensada pela mentalidade *straight*, a homossexualidade não é outra coisa senão a própria heterossexualidade. (WITTIG, 2017, p. 269).

A ensaísta estadunidense Adrienne Rich (2010) vai ao encontro das ideias de Wittig (2017) no exame da heterossexualidade enquanto instituição política que deve ser transformada. Em seu ensaio *Heterossexualidade compulsória e existência lésbica*, publicado originalmente em 1980, Rich (2010) analisa como algumas manifestações do poder masculino, seja por meio da força física ou pelo controle da consciência, reforçam a heterossexualidade. A autora critica a invisibilidade lésbica até mesmo na produção acadêmica de/sobre mulheres, dizendo não

bastar o reconhecimento do pensamento feminista, pois esse deve ser entendido como parte de um movimento maior, das mulheres contra o poder masculino. E propõe:

Qualquer teoria ou criação cultural/política que trate a existência lésbica como um fenômeno marginal ou menos “natural”, como mera “preferência sexual”, como uma imagem espelhada de uma relação heterossexual ou de uma relação homossexual masculina seria, portanto, profundamente frágil, independente de qualquer contribuição que ainda tenha. A teoria feminista não pode mais afirmar ou meramente declarar uma tolerância ao “lesbianismo” como “estilo de vida alternativo”, ou fazer alusão às lésbicas. (RICH, 2010, p. 22).

Pela voz do personagem Joaquim, é possível notar que seus familiares estavam submersos na noção de que a heterossexualidade era a norma, corroborando as concepções de Wittig (2017) e Rich (2010) sobre a existência de um “sistema” obrigatório de vida. Assim, ao obter a confirmação da avó, o neto imediatamente a coloca em um lugar fora do “modelo” a ser seguido, rindo de sua resposta. Porém, apesar desse ímpeto inicial, após ouvir a explicação, o garoto começa a desconstruir as regras que lhe foram socialmente impostas, mostrando-se interessado pela história de Clarissa, ao perguntar “por que ela e a tia Carolina não moravam juntas” (POLESSO, 2015, p. 41).

O ato da avó de esclarecer e de contar a Joaquim a própria história, mostra a importância de se dar a voz aos sujeitos não abrangidos, ou negados, pelo pensamento heteronormativo. Clarissa, no entanto, inquieta-se com esse novo questionamento do neto e resume dizendo que as duas não moravam juntas porque não queriam. Nesse momento, ao escutar a resposta, Joana se lembra que “a tia Carolina tinha sido casada com o seu Carlos” e lhe ocorre que talvez as duas não pudessem ficar juntas (POLESSO, 2015, p. 41). De fato, o texto não deixa explícito nenhum impedimento para a união da avó com a amiga, mas, uma vez que Carolina não era mais casada – pois Joana utiliza o verbo no pretérito –, as razões para uma possível “proibição” do relacionamento lésbico parecem-nos estarem ligadas a um incômodo da amante da avó em não se adequar ao padrão heterossexual, o que nos remete ao discurso presente na obra *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*, da filósofa estadunidense Judith Butler (2016). Segundo a qual:

[...] a construção de uma identidade sexual coerente, em conformidade com o eixo disjuntivo do feminino/masculino, está fadada ao fracasso; as rupturas dessa coerência por meio do ressurgimento inopinado do recalçado revelam não só que a “identidade” é construída, mas que a proibição que constrói a identidade é ineficaz [...]. (BUTLER, 2016, p. 62).

Assim, a percepção de Joana de que talvez tia Carolina não pudesse ficar com a avó nos faz concordar com Butler (2016) sobre a ineficácia da interdição que constrói a identidade, pois, como lemos no conto, a amiga da avó “trazia, quase sempre, uns olhos de embaraço”, “parecia que não queria estar ali” (POLESSO, 2015, p. 38). Nesse sentido, ao mesmo tempo em que a narrativa aponta outras maneiras de vivência da sexualidade, mostra o sofrimento da mulher e talvez uma crise de identidade, pois seu desejo é direcionado a outra mulher, mas enxerga esse

relacionamento como algo proibido.

Da mesma forma, Joana sente vergonha de falar sobre sua ligação com Taís. Mesmo após ter escutado toda a história da avó, não consegue falar de si, nem perguntar algo para dar continuidade à conversa. Clarissa diz que conhece Carolina há vinte anos, fazendo-nos concluir que já estavam juntas há um tempo considerável, mas a narrativa não esclarece para o leitor se Carolina seria bissexual ou se apenas se casara anteriormente com Carlos para se adequar a um padrão heteronormativo. Também não sabemos se a ruptura do casamento se dera antes ou durante a relação com Carolina. Ainda assim, o conto cumpre o seu papel ao mostrar a durabilidade da união lésbica, pois a presença constante da amiga na casa da avó e a afirmação de Clarissa de que as duas se conheciam há vinte anos faz-nos pensar na relação entre duas mulheres como algo possível e real, ainda que o casal possa ter se mantido junto a custo de um sofrimento provocado por um pensamento heterossexual dominante.

### ***Marília acorda***

*Marília acorda* conta a rotina de duas mulheres idosas, casadas há muito tempo. Os detalhes dos gestos e palavras trocados entre as companheiras, desde o início do dia até o momento em que vão dormir, é narrado de forma sutil, demonstrando o afeto compartilhado. A narradora faz reflexões sobre sua amada Marília, revelando o medo de serem separadas pela morte, então reza para que morram juntas. Uma tem problemas de mobilidade, pois as pernas já estão fracas, enquanto a outra está esquecida, faz café sem pó e deixa o pão queimar na torradeira, mas ambas se ajudam e se compreendem. A sensibilidade com a qual a narrativa é trabalhada, é percebida já no início do texto:

Usa meias compridas até os joelhos porque, mesmo no verão, tem os pés frios. Senta na beirada da cama e vai desenrolando as meias: panturrilha, canela, tornozelo e para. Volta a se endireitar. A barriga impede que se dobre sobre si. Respira fundo, estica bem os braços e termina. Dobra as meias e as coloca embaixo do travesseiro. São apenas para dormir. Marília não é doce, mas, olhando da outra metade da cama, não consigo não amá-la. (POLESSO, 2015, p. 132).

Ao constituir-se como exemplo da riqueza e da variedade das experiências lésbicas, o relacionamento entre a narradora e Marília desestabiliza a categoria “mulher”, do ponto de vista universalista. Monique Wittig (2017) defende essa necessidade de se quebrar o “contrato heterossexual”, ao mostrar a importância da linguagem/manifesto, linguagem/ação enquanto promotora de mudanças. E é justamente por meio da linguagem literária que Natalia Polesso (2015) problematiza o conceito *straight*, colocando em primeiro plano a vida cotidiana de um casal lésbico de idade avançada. Refletindo sobre a urgência de se minar o pensamento heterossexual, Wittig provoca:

O que é mulher? Pânico, alarme geral para uma defesa ativa. Francamente, esse é um problema que as lésbicas não possuem, por causa de uma mudança de perspectiva, e seria incorreto afirmar que lésbicas se associam, fazem amor, vivem com mulheres, porque “mulher” só tem sentido nos sistemas

heterossexuais de pensamento e nos sistemas econômicos sexuais. As lésbicas não são mulheres. (WITTIG, 2017, p. 273-274).

Esse é o trecho final do texto de Monique Wittig (2017) sobre o pensamento *straight*. A última frase indica uma ironia, uma provocação, visto que lésbicas não poderiam se enquadrar nos sistemas de dominação dos homens em suas relações com as mulheres. Seguindo essa reflexão, o conto abordado mostra que a categoria mulher é vista como unitária e universal por pessoas ainda pautadas na mentalidade heterossexual, representada na narrativa pela vizinhança do casal lésbico, por meio de comentários como: “Ali, ali naquela casa, moram duas velhas. Moram ali faz anos essas duas velhas. Acho que essas velhas têm alguma coisa, moram juntas faz anos. Ali na casa das velhas estranhas” (POLESSO, 2015, p. 134). Desse modo, as companheiras não são consideradas normais porque não seriam um casal formado entre homem e mulher.

Judith Butler (2016) também questiona a identidade “mulher”, afirmando que essa não representa uma categoria ontologicamente constituída e estanque. Nesse sentido, a identidade “mulher” abrange muitos significados, não podendo ser reduzida ao oposto da identidade “homem”, uma vez que a constituição do sujeito é influenciada por diversos fatores, mesmo quando ele faz parte de um mesmo grupo. Segundo a filósofa:

Se alguém ‘é’ uma mulher, isso certamente não é tudo que esse alguém é; o termo não logra ser exaustivo, [...] o gênero nem sempre se constituiu de maneira coerente ou consistente nos diferentes contextos históricos, pois estabelece interseções com modalidades raciais, classistas, étnicas, sexuais e regionais de identidade discursivamente constituídas. (BUTLER, 2016, p. 21).

Assim, há que se considerar, na análise das protagonistas do conto de Polesso (2015), não apenas o fato de elas serem vistas socialmente como indivíduos do sexo feminino, mas todos os outros fatores que contribuem para a construção de suas identidades. Um fator importante é a estabilidade e o tempo de relacionamento entre as duas senhoras, percebidos na pergunta introspectiva da narradora: “Há quantos anos, Marília? Há quanto tempo esse ritual das manhãs de domingo?” (POLESSO, 2015, p. 133). A durabilidade do relacionamento é um elemento significativo na construção das identidades dessas mulheres.

A estranheza relatada pelos vizinhos diante do casal lésbico também remonta aos escritos de Rich (2010), quando a ensaísta diz optar pela expressão “existência lésbica” no lugar de “lesbianismo”, o qual teria um viés mais clínico, dizendo que “existência lésbica sugere tanto o fato da presença histórica de lésbicas quanto da nossa criação contínua do significado dessa mesma existência” (RICH, 2010, p. 36). Segundo a autora, essa nova perspectiva abrange romper com um modo compulsório de vida, ao mesmo tempo em que se constitui como um ato de resistência.

### *As tias*

*As tias* é uma história narrada pelo ponto de vista da sobrinha de uma das personagens. A tia Alvina conheceu Leci no convento, quando ainda eram adolescentes. Depois que saíram,

decidiram comprar um sobrado e já moravam juntas há sessenta anos. A família sabia da relação entre elas e já não achava mais estranho. Elas tinham uma rotina simples, passavam muito tempo em casa, e economizavam para viajar. Conheceram muitos países. Um dia, a tia Alvina teve um AVC e ficou internada, porém, tia Leci só conseguiu visitá-la uma vez, pois os parentes sempre tinham prioridade. A narradora começa a frequentar a casa delas, até o dia em que as tias decidem fazer um contrato de união estável e a convidam para ser testemunha.

Este conto, além de mostrar um relacionamento lésbico de longa data, como nas narrativas anteriores, contém um elemento ainda não abordado, mas que chama a atenção no que diz respeito às teorias aqui analisadas. A narradora é sobrinha de uma das personagens e se sente cada vez mais próxima do casal, tamanho o afeto e a vontade de apoiá-las. Ela então se lembra:

Eu comecei a frequentar a casa das tias depois do incidente por dois motivos: queria ajudar e queria entender como aquilo funcionava. Semanas depois, elas ficaram mais à vontade, eu podia ver uma mão que procurava a da outra enquanto assistiam à televisão, abraços e, uma vez, peguei um beijo furtivo de bom dia na cozinha. (POLESSO, 2015, p. 145).

Adrienne Rich (2010) propõe a expressão “continuum lésbico” para abarcar a aliança entre mulheres, independentemente do desejo ou da experiência sexual genital. Ou seja, qualquer relação de apoio entre as mulheres pode ser inserida nessa perspectiva. Desse modo, a sobrinha-narradora faz parte desse continuum, ainda que em nenhum momento do texto sua sexualidade tenha sido revelada. Todas as formas de relacionamento feminino seriam, então, elementos de força contra a heterossexualidade compulsória. Monique Wittig (2017) não teve o mesmo pensamento sobre as lésbicas, colocando-as numa categoria à parte, o que posteriormente foi criticado por Butler (2016). Segundo esta última, a primeira teria proposto a existência de um terceiro gênero como forma de transcender a restrição binária ao sexo.

De fato, os postulados de Wittig (2017) estavam mais voltados às relações de trabalho e às questões econômicas, com proposições de transformação estrutural a nível coletivo. A autora destacou o papel político da linguagem, ressaltando a necessidade de transformação dos conceitos-chave e defendendo a abolição das categorias “homem” e “mulher”, pois, se lésbicas e gays continuassem a se classificarem entre os dois conceitos, contribuiriam para a manutenção da heterossexualidade. Wittig (2017) criticou os discursos científicos, nos quais os seres humanos são colocados como iguais, invariáveis, enquanto os oprimidos não têm direito à voz, são jogados em “um tipo de vácuo a-histórico” (WITTIG, 2017, p. 263). De acordo com a autora:

Trata-se de uma das formas de dominação, sua própria expressão. [...] É aquele que diz: você não tem o direito à fala, porque o seu discurso não é científico e não é teórico; você está no nível errado de análise; você está confundindo discurso e realidade; o seu discurso é ingênuo; você compreende mal essa ou aquela ciência. (WITTIG, 2017, p. 267).

Judith Butler (2016), por sua vez, pensa de forma mais individualizada, ou seja, defende que cada indivíduo pode promover mudanças frente à mentalidade dominante masculina e

heterossexual. Desse modo, o gênero não se constitui como uma categoria fixa e pré-existente, mas pode se construir continuamente e se transformar, não sendo possível reduzi-lo à perspectiva de feminino e masculino. Portanto, segundo a filósofa, essa noção binária:

[...] constitui não só a estrutura exclusiva em que essa especificidade pode ser reconhecida, mas de todo modo a ‘especificidade’ do feminino é mais uma vez totalmente descontextualizada, analítica e politicamente separada da constituição de classe, raça, etnia e outros eixos de relações de poder, os quais tanto constituem a ‘identidade’ como tornam equívoca a noção singular de identidade (BUTLER, 2016, p. 22).

A menção acima compõe uma linha de raciocínio apresentada por Butler (2016) ao questionar o fato de o movimento feminista ter aceitado a linguagem imposta pelo patriarcado e adotado o gênero “mulher” como legítimo, conforme a identidade pretendida pelo pensamento falocêntrico. A filósofa destaca que justamente a estrutura política que cria o feminismo também cria um sujeito do feminismo, cuja representação acaba por se moldar às prescrições heteronormativas. Em consequência disso, “as supostas universalidade e unidade do sujeito do feminismo” acabam sendo “minadas pelas restrições do discurso representacional em que funcionam” (BUTLER, 2016, p. 23).

Assim, o engendramento do sujeito a um gênero correspondente ao sexo imputado a ele em função do discurso político pautado no natural, acabam por criar estruturas fixas, com papéis sociais bem demarcados, os quais são aceitos como “normais”, fazendo com que qualquer comportamento fora desse contexto seja repellido. Ao encontro dessa ideia, vem justamente o rompimento do mito do binarismo universal proposto no conto de Polesso (2015), ao mostrar a formação da identidade das personagens enquanto sujeitos que mantêm relações homoafetivas contrasta-se com o papel social esperado por alguns membros da família da personagem Alzira, os quais não tratavam Leci com naturalidade durante os almoços em que se reuniam. O incômodo da personagem com essa situação a fez promover os encontros familiares em sua casa, junto à companheira, uma forma de minimizar os comentários e comportamentos de estranheza daqueles que não a considerava membro da família.

O final do conto configura-se como a representação de um ato de resistência. Após ter passado dias de sofrimento por não poder visitar Alvina no hospital, já que os parentes eram numerosos e sempre tinham prioridade, Leci percebe não ter nenhum direito em relação à sua união com a companheira e, juntas, decidem por registrar a união estável. A sobrinha, ao saber da decisão, emociona-se e aceita ser testemunha. Tem-se nesse ponto a confirmação de como a proposta do continuum lésbico contribui para a existência feliz e menos dolorosa das mulheres. Assim, as tias “casaram. Continuaram felizes como sempre foram. E assim seria, até que a morte ou alguma burocracia as separasse novamente. De qualquer forma, é o melhor e mais bem-sucedido casamento da família” (POLESSO, 2015, p. 147).

### **Considerações finais**

Após a análise dos três contos de Natalia Polesso (2015), concluímos que todas as



narrativas apresentam personagens lésbicas que não se subordinam ao destino imposto a elas pelo pensamento heterossexual. Ao contrário, são mulheres que passam por situações de medo, insegurança, porém conseguem superá-las. Os textos representam a quebra de estereótipos ao se oporem à concepção de que só poderia existir casamento entre “homem” e “mulher”, categorias muito questionadas pelas teóricas feministas. Com isso, a escrita de Polesso (2015) vem confirmar a conquista do espaço feminino e lésbico no campo literário, questionando padrões e mostrando as diversas possibilidades de identidade na construção da narrativa.

Apesar das marcas de marginalização acumuladas pelas personagens, esses elementos não são colocados como componentes de um discurso do oprimido e da vitimização. A força e a aceitação da própria identidade pelas mulheres apresentadas são destaques na obra, contrariando o destino esperado por uma sociedade heteronormativa, pautada em concepções *straights*. No entanto, mais do que mostrar a multiplicidade de identidades do sujeito, envolvendo os contextos, as características de cada personagem, e os fatores apresentados na tessitura textual da vivência de cada casal, Polesso (2015) deslinda com minúcia o processo psicológico das narradoras.

Em *Vó, a senhora é lésbica?*, a história é narrada na perspectiva de uma jovem lésbica, a neta Joana. No início do conto, a moça mostra grande constrangimento ao pensar na possibilidade de ter a própria sexualidade descoberta. Suas angústias são, aos poucos, amenizadas, e o seu processo de aceitação começa a ser desenvolvido no momento em que descobre a relação entre a avó e a tia Carolina. Já no conto *Marília acorda*, a narradora demonstra segurança com relação aos seus sentimentos, embora aponte o estranhamento dos vizinhos. O ponto de vista, nesse caso, é totalmente voltado ao espaço interno, à relação lésbica no dia a dia. Na última história, sobre *As tias*, as cenas são observadas pela sobrinha do casal lésbico. É o olhar externo esperado e defendido pelas feministas, uma perspectiva que conectaria todas as mulheres, fortalecendo-as.

De forma sensível, a autora permite a construção de um imaginário no qual o relacionamento homoafetivo entre mulheres é naturalizado, contrapondo-se à invisibilidade lésbica, ponto comum de crítica entre Wittig (2017), Rich (2010) e Butler (2016). Assim, a mulher em Polesso (2015) não aceita a imobilidade, questionando a dominação patriarcal ou masculina. Ao colocar a lésbica em primeiro plano, a escritora tira a cultura hegemônica da zona de conforto e mostra que todas as mulheres podem ser donas do próprio destino, sendo insubmissas ao pensamento que as coloca à margem da sociedade.

## Referências

BUTLER, Judith. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Trad. de Renato Aguiar. 11. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016.

POLESSO, Natalia Borges. *Amora*. Porto Alegre: Não Editora, 2015.

RICH, Adrienne. Heterossexualidade compulsória e existência lésbica. Trad. de Carlos Guilherme do Valle. *Revista Bagoas*, Natal, v. 4, n. 5, p. 17-44, 2010.

WITTIG, Monique. O pensamento *straight*. In: BRANDÃO, Izabel; CAVALCANTI, Ildney; COSTA, Claudia de Lima; LIMA, Ana Cecília Acioli (Org.). *Traduções da Cultura: perspectivas críticas feministas (1970-2010)*. Maceió/Florianópolis: EDUFAL; Editora da UFSC, 2017. p. 262-274.

## NOTAS DE AUTORIA

**Vanessa Ferreira Vieira** (vanfvjf@gmail.com) possui graduação em Comunicação Social e especialização em Estudos Literários (2011) pela UFJF. Concluiu o curso de Licenciatura em Letras, com habilitação em Italiano (2017) e em Francês (2019) na mesma instituição. Atualmente é mestranda em Estudos de Literatura, subárea Literaturas Francófonas, da UFF.

**Eurídice Figueiredo** (euridicefig@gmail.com) possui Graduação em Letras pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (1968), Maîtrise ès Lettres pela Université de Nice (França, 1972), Mestrado em Língua e Literatura Francesa pela UFRJ (1979), Doutorado em Letras Neolatinas pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (1988) e Pós-doutorado Sênior pela UFMG (2009). Atualmente é professora associada aposentada da Universidade Federal Fluminense atuando no Programa de Pós-Graduação em Estudos de Literatura.

### Como citar esse artigo de acordo com as normas da revista

VIEIRA, Vanessa Ferreira; FIGUEIREDO, Eurídice. Casais felizes e relações duradouras: a representação da existência lésbica na obra *Amora*, de Natalia Polesso. *Anuário de Literatura*, Florianópolis, v. 25, n. 1, p. 67-76, 2020.

### Contribuição de autoria

**Vanessa Ferreira Vieira:** Coletou os dados, analisou, elaborou o manuscrito a partir das sugestões da orientadora, e apresentou os resultados das discussões.

**Eurídice Figueiredo:** Orientou o trabalho, indicou os passos para o desenvolvimento do artigo, bem como analisou a redação final e apresentou seu parecer.

### Financiamento

Não se aplica.

### Consentimento de uso de imagem

Não se aplica.

### Aprovação de comitê de ética em pesquisa

Não se aplica.

### Licença de uso

Este artigo está licenciado sob a [Licença Creative Commons CC-BY](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/). Com essa licença você pode compartilhar, adaptar, criar para qualquer fim, desde que atribua a autoria da obra.

### Histórico

Recebido em: 25/03/2020

Aprovado em: 06/05/2020

